

EXPEDIENTE.

— O eloquente capitulo do Sr. M. J. Rosado, *maledicencia periodical*, deveria tractar o assumpto só philosophicamente e em these: os exemplos, por S. S.^a citados, são bem escolhidos; mas se nós estampassemos as suas desabridas represalias, incorreriamos porventura no mesmo que aliás censuramos. A sua doutrina ácerca dos detractores, parece-nos, que, sem offensa de ninguem, se póde toda cifrar n'este aphorismo do bom *Maintaigne: Ceux qui traictent mal des hommes, les voyent atravers la fenestre de leur propre conscience.*

— Um *desempoeirado philosopho* reprova o nosso artigo *Finados*, por lhe cheirar terrivelmente, diz elle, a christianismo, e ordena-nos sob pena do seu philosophico desagrado, que não tornemos a gastar tempo com uma religião já perdida de todo no conceito dos philosophos (como elle.) Se a sua carta não fosse tão comprida haviamos de a imprimir; bem como se tivessemos relações com alguns dos da comitiva do Sr. *Fuad Effendi*, lhes pediriamos, para dar gosto a sua philosophica S.^a, que redigissem, em quanto aqui se demoram, um periodico mahometano.

— Para outro numero, a preciosa carta do Sr. L. W. Tinelli sobre o *Guano*; e a de um *assignante* sobre *venenos e contra-venenos.*

— O artigo do *velho lithurgico*, com quanto seja noticioso e exacto, não nos parece muito proprio d'esta folha.

— Chegou tarde para a festa dos finados a traducção livre em verso do *Dies irae, dies illa.*

CONHECIMENTOS UTEIS.

NOVA SAIDA Á CORTIÇA PORTUGUEZA.

(Carta.)

3621 UMA nova saída aos productos da nossa industria ou do nosso sólo será uma nova fonte de riqueza, e tanto mais festejavel quanto menos esse producto nos houver custado de dinheiros, fadigas e cuidados. Temos um facto, que posto não seja ainda do maior vulto, já com tudo tem dado resultados economicos bem favoraveis aos lavradores.

Muito ha que entre nós se faz uso da cortiça (casca de soveiro) já empregando-a em alguns rusticos utensilios dos lavradores, já nas boias das redes, já exportando-a para a Grã-Bretanha, que nol-a devolve em rolhas: todo este consumo porém nunca montou a muito, pelo menos nunca foram tão avultadas as encomendas inglezas de cortiça, que chegassem a estes sitios onde aliás se estendem infindas mattas de soveiros, que morrem de velhice e podridão, e se reproduzem por si mesmos, sem que nunca os donos lhes dispam sequer os primeiros tegumentos, com que a natureza os revestiu; deixam com a espessura de seus troncos, e ramos esconderem os inaccessiveis rochedos valhacontos dos lobos e javalis, que só desamparam seus covis á vista do elemento destruidor, quando um pastor barbaro semeou de longe nos bosques o incendio que em poucas horas os senhorêa e os devasta. ¿Hoje porém que succede?

Um inesperado e activissimo pedido de cortiça pôz tudo em movimento, penetrou-se com mão armada e rosto alegre até ao centro dos soveiraes, e em poucos dias todos os soveiros que já não estavam revestidos de cortiça virgem (esta era regeitada) appareceram nós, figurando-se os seus troncos rubros e esfolados tintos de sangue, como o satyro da fabula: a cortiça e seus transportes chegaram a um preço altissimo; foi *ad libitum* do lavrador. (1)

(1) Toda esta cortiça tem embarcado no Porto.

Qual seria lá fóra a causa d'esta subita e prosperissima invasão e expoleação dos nossos bosques até agora mudos e improductivos? E' a moda nova, respondem alguns, introduzida na Russia e mais terras boreaes de forrarem as salas com este, que para entre nós, nem chega a ser luxo de pobresinhos; não sabemos se isto terá fundamento. Variedades da natureza! aqui, os mais desamparados e austeros cenobitas das serras de Bussaco e de Cintra, de Ossa e de Arrabida a forrarem de cortiça por humildade as suas cellas e portarias, os seus retabulos e altares; além, a mesma cortiça, mas havida de longe, a custo, e por grande preço, a forrar paços de senhores, camarins de damas, abrigos de opulencia e de prazeres!

¿ Oh curas hominum! ¿ Oh quantum est in rebus inane!

¿ Mas será isto assim? Se o soubessemos ao certo; se podessemos adivinhar que havia de ir por diante a nova usança, que a natureza não reprova, e nós, os donos dos soveiros ainda menos, deveriamos pôr peito desde já a esta cultura, começando por extrair a todas estas arvores, a quem já se quebrou o seu fadario de inuteis, o involucro nativo: e poderiamos dizer que tinha a nossa provinciana industria um ramo novo e alentado: tal certeza, se alguém nol-a podesse dar, á fé que seria para nós um conhecimento util.

A quaesquer pessoas que o possam, negociantes, viajantes, eruditos ou quaesquer outras, pedimos nos ellucidem a tal respeito.

Mirandela 4 de novem-

bro de 1844.

A. Cabral.

MULTICAULES E BETERRABAS.

(Carta.)

3622 TENDO lido o artigo 2428 do seu instructivo jornal, e não podendo dirigir-me ao Illm.^o Sr. C. X. P. B. por ignorar o seu nome e residencia, peço a V. que da minha parte agradeça ao dicto Sr., os elogios que no mesmo artigo me prodigalisa, os quaes eu julgo não merecer.

Como lavrador agradeço tambem a V. o interesse que tem tomado pelos melhoramentos da nossa agricultura, por estar persuadido de que a *Revista Universal* muito ha-de concorrer para se alcançarem esses melhoramentos.

Foi a *Revista* quem me indusiu a fazer este anno uma plantação de 50 multicaules, da qual obtive um resultado muito superior ao que esperava, e nenhuma duvida tenho hoje, de que este precioso arbusto se póde crear em Portugal, tão bem como em qualquer paiz dos mais favorecidos da Europa; e por isso tenciono para o proximo fevereiro plantar alguns centos de estacas, e continuar nos annos futuros até que tenha abundancia de folha, não só para fazer algumas creações de bichos, mas tambem para sustentar toda a qualidade de gado no fim do verão, quando se acaba o milho.

Fiz tambem em março e abril duas pequenas sementeiras de beterrabas para experiencia, servindo-me de uma semente já degenerada; e apesar d'esse inconveniente e da seccura da primavera, conségui creat-as soffriveis sem rega alguma. Hontem fiz uma nova sementeira de beterraba vermelha ou campestre, e da branca ou da Silezia com sementes que mandei vir de Paris, e para o proximo março farei novas

sementeiras; e ainda que espero melhor resultado das sementeiras no outono do que das sementeiras na primavera, presumo que as segundas me serão de maior utilidade, por poderem dar sustento verde ao gado no tempo em que ha mais falta d'elle, isto é, em setembro e outubro depois do milho e antes dos nabos.

Se V. quizer, eu darei conta em tempo competente do resultado das minhas experiencias, comparando o producto das beterrabas com o de outras plantas das que tem o mesmo lugar no afolhamento.

Duas tentativas, que ha pouco fiz para extrair assucar das raizes que creei, provaram-me, que ellas tambem o dão em Portugal, mas que para esta operação se fazer com proveito, são precisas muita pratica e machinas proprias.

Não repare V. em eu querer applicar beterrabas e até amoreiras para sustento do gado; procede isso de eu julgar, que ao lavrador pertence produzir beterrabas mas não assucar, amoreiras mas não seda; além de que, eu desejo tudo para o gado, porque não julgo possível agricultura florescente sem muito adubio, nem muito adubio sem muito gado; ora isto sempre assim foi, e naturalmente continuará a ser, ainda mesmo depois da mecanica e a chimica terem conseguido, a primeira fazer caminhar a charrua por meio do vapor, e a segunda roubar o azote á atmospheria.

Lisboa 10 de outubro de 1844.

Um pequeno agronomo do concelho da Rebaldeira.

N. B. Concordamos já hoje com o nosso correspondente ácerca das beterrabas. As experiencias da França e da Allemanha tem provado realmente, que o assucar d'esta planta, comparado o seu preço com o do assucar da canna da America, não val o custo da sua criação e fabrico: quanto porém ás amoreiras a nossa opinião, assentada em grandes auctoridades e em factos certos, é que se devem principalmente applicar a produzir a seda, que póde, dentro em pouco, ser a capitalissima riqueza de Portugal: o que não obsta a que da mesma arvore se mantenham tambem os gados, que são (como bem observa o illustre agronomo) fundamental e indispensavel condição de toda a agricultura.

SEDA NO ALGARVE.

(Carta.)

3623 REMETTO essa amostra de casulos creados aqui: são pequenos, porque os melhores foram para semente: pergunto e desejo saber se esta seda é tão boa como a do norte. Aqui ha meios de se colherem centenaes de libras de casulos, pelas muitas amoreiras que já ha, e por ser optimo para ellas o terreno: tanto assim que eu tenho visto nascerem milhares, ao redor das arvores, das amoras maduras que caem: o prior d'esta villa plantou na sua horta uma de estaca, que no primeiro anno deitou uma hastea de seis palmos e meio de comprimento, como elle mesmo me disse.

Estamos em audiencias geraes, e como sou jurado não posso ser mais extenso.

Loulé 31 de outubro de 1844.

João José Jara.

A precedente carta e os casulos a que ella se refere, foram presentes ao Sr. Antonio Pedro Sales, a quem pedimos nos habilitasse para respondermos sa-

lisfactoriamente ao Sr. Jara: a resposta do Sr. Sales é a seguinte: —

Vi com gosto os seis casulos, dos quaes um vem cortado, e só por este pódem até os menos intendedores reconhecer quanto elles são fracos, e a pouca seda que poderão produzir; mas não posso deixar de dizer que são mui regulares no tamanho, e que tem a boa circumstancia de estarem mui limpos, o que é de grande conveniencia; não é possível comprovar a fraqueza, que infallivelmente seu fio ha-de ter, por meio da experiencia, pela insignificancia da quantidade, sendo a caldeira de fiação a unica imparcial juiza da qualidade dos casulos e de seu rendimento, pois que a vista e mesmo o peso das diversas partidas muitas vezes enganam; sendo unicamente o trabalho o que desinvolve as demais circumstancias, que se não podem vêr, por exemplo, o estado em que se acha o bicho dentro do casulo, etc., etc.

Não posso pois deixar de suppor, que os bichos com que se fez esta experiencia, ou provieram de fraca raça, ou foram sustentados, senão no todo, ao menos na maior parte de sua vida, com a folha de amoreira doce (ou da horta), ou então a terem sido mantidos com folha de amoreira propria, ou esta foi de arvores mui novas e tenras, ou não tiveram todo o alimento de que precisavam; e muito agradeceriamos a este novo curioso se quizesse ter a bondade de indicar em qual dos casos se acha esta criação. Entretanto digo, que alguma coisa de bem se deve esperar d'este empreendedor, que a pertender entrar seriamente no conhecimento do que deve pôr em pratica, á vista do muito que a este respeito ultimamente se tem escripto, prognostico-lhe o poder apresentar mui boa qualidade de casulos, e então se desenganará se o negocio lhe convém ou não; mas não o considero bem servido com semente apurada de casulos tão fracos.

Estimo saber que alli se tem effituado algumas plantações, pois que aquella provincia pela sua latitude deve ter melhores resultados nas criações, do que as que se fazem mais para o norte; quando na em que se acha a Extremadura, temos obtido bons resultados, tanto nas criações dos bichos, como na superior qualidade da seda que produzem; e muito seria para de-sejar que o correspondente da Revista, no Algarve, indicasse se as plantações, que annuncia terem-se alli feito, são por particulares, ou resultado das ordens do governo, tanto pelo ministerio do reino como da guerra; e que elle correspondente por sua parte pregue para que não repitam o exemplo do prior, plantando amoreiras de estaca, a não ser das multicaules, especie que alli creio ainda não conhecem, e convém recomendar-lhes.

Tambem seria conveniente saber se do grande amoreiral, que existe na quinta de um rico proprietario em Loulé, se tem ou não aproveitado a folha; e se alli ha ou não conhecimento dos meus repetidos annuncios da venda das multicaules, e compras dos casulos, ou offerta de os fiar por conta de seus donos, porque é indispensavel que elles conheçam todos estes recursos e meios de saida a seus productos; pois é a provincia que mais atrazada tem andado n'este novo desinvolvimento, ao menos segundo a noticia, que eu tenho.

Antonio Pedro Sales.

BARRAS DO DOIRO E DO MONDEGO.

3624 LOUVORES a Deus que já começamos a olhar para a terra de Promissão, em que nos elle poz, e a quereremos aproveitá-la. Já apparecem empresas para canaes, navegação dos rios e amansamento das fozes inhóspitas, mais nomeadas até aqui pelos seus naufragios do que pelo seu commercio.

Para as obras da barra do Porto se formou uma companhia com o cabedal de 1\$600 contos de réis em 16:000 acções de 100\$000 réis cada uma.

As que ella se obriga a fazer são: — do sul, um paredão desde *S. Payo* até fóra do *Cabedelo* — do norte outro desde o *Oiro* até ao castello da *Foz*, formando um pequeno dique, para abrigo da navegação desde a cidade até á *Cantareira*: — continuar o paredão desde o castello até ás pedras de *Felgueiras*, tendo de largo por cima 50 palmos: a immensa arêa que ao presente existe entre o paredão do sul e a fortaleza desaparecerá de todo, e o mar ficará por consequencia tão manso dentro, como fóra da barra: e d'est'arte não haverá occasião de se dizer — *estar o mar alto na barra* — e todos os dias poderão sair e entrar livremente navios. O que habilita para se contar com este resultado, é a comparação d'esta barra com a da *Figueira*, pois sendo analogas as circumstancias, os resultados devem ser os mesmos. Na *Figueira* é tudo pedra ao norte do *Mondego*, — ao norte do *Doiro* tudo pedra: — ao sul do *Mondego* havia um cabedelo de arêa que chegava quasi á fortaleza, e fechava a barra de tal modo, que acontece estarem navios um e dois mezes sem a poderem galgar. Sentiu-se isto com particularidade o anno passado, porque o inverno foi mui secco, e não houve cheias até março: e como as obras não estavam completas, fechou-se a barra a tal ponto que a empresa d'aquella barra teve de abrir (á força de numerosas enxadas que empregou por bastantes dias) um rego a fim de poder romper a maré. Hoje esse cabedelo está paralelo com a ponta do paredão do sul, e a arêa de todo desapareceu; a barra está larga, e podem todos os dias entrar e sair navios. Outro phenomeno ha-de acontecer, porque já se vae desinvolvendo na *Figueira*: como o rio vae encanado, e as marés descem com mais força, o banco de arêa que sempre existiu fóra da barra, mas muito proximo, que causava além da pouca profundidade, vagas fortes, esse banco é gradualmente dissolvido pela corrente; e já na barra e fóra d'ella ha mais agua, e as vagas são menos fortes; e ha mui bem fundadas esperanças de que logo que as obras se terminem, ficará a barra excellente.

No *Doiro* as cheias não serão tão temiveis, porque á maneira, que vão principiando vão desaguando; porque o *Cabedelo* não se lhe opporá, e tanto isto deve assim ser que em *Lisboa* nunca se experimentam cheias, mesmo quando as ha no *Riba-Tejo*, aonde o rio sobe a uma extraordinaria altura.

O paredão da *Foz* ás pedras de *Felgueiras* aformozêa a *Foz*, e servirá de excellente passeio. «Egualmente nos consta, diz o *Cosmopolita*, que a empresa se constituiu obrigada a quebrar todas as pedras que estão dentro do rio no sitio da *Cantareira*, e que figuram no mappa sob differentes appellidos. »

A VALLA DA AZAMBUJA.

3625 ANTES de principiar as minhas reflexões ácer-

ca da empresa da valla da Azambuja, e do canal que deve ligal-a com o Têjo no sitio denominado *Onias* de Santarem, tributo muito respeito e consideração ao illustre empresario d'esta obra o Exm.^o Marquez do Fayal, digno por certo de grandes elogios e da estimação publica, por empregar uma quantia avultada de seus grandes capitaes em fazer uma obra, que podia ser de grande interesse nacional, e que elle empreendeu sem nenhuma vista de particular interesse; mas sómente por patriotismo. As minhas reflexões são unicamente feitas sobre a parte scientifica do canal, e com o fim de ser util ao mesmo illustre empresario e mais ainda ao publico.

A descripção d'esta obra acha-se impressa no *Diario do Governo* de terça feira, 5 d'este corrente mez de novembro n.^o 262, e consiste — 1.^o na abertura de uma nova foz á valla da Azambuja no sitio denominado — terra do carril do coelho; — 2.^o na abertura de um novo canal (aliás valla) para a junção das aguas das marés, entradas pela nova foz, com o resto da antiga valla no sitio da — *Hixareira*; — 3.^o na continuação d'esta mesma valla até á Ponte da *Asseca*; — 4.^o em um novo canal desde as proximidades da sobredita ponte até ás *Onias* por baixo de Santarem, aonde se comunica com o Têjo. — A nova foz e valla, que vae desembocar na antiga no sitio da *Hixareira*, tem por fim evitar uma grande volta da mesma antiga valla; d'ahi por diante consistem as obras em alimpal-a, alargal-a e alinhál-a melhor em algumas partes.

O novo canal, segundo o que se lê no § 4.^o do artigo 1.^o das condições do contracto, deve admitir barcos chatos da lotação dos maiores, que presentemente navegam até Abrantes; e pela valla antiga e nova serão admittidas fragatas de carga de 60 moios, ou de seis centos e vinte e cinco quintaes, as quaes navegarão até o sitio denominado — *Cabeça de Guião*; — d'ahi para cima até ao novo canal os mesmos barcos que n'elle poderem navegar; finalmente, pelas vallas confluentes á Ponte da *Asseca* entrarão sómente os barcos chatos dictos *Alijos* (varinos) de medeana carga, o que intendo ser de tres a quatro moios de trigo ou de 156 a 208 arrobas. — O § 5.^o do mesmo artigo 1.^o diz — que no canal haverá as comportas e represas que demandar o bom regimen e economia das aguas, sendo duas d'ellas ao menos — comportas de represas (*ecluses à sas*); uma d'estas na valla ou canal da *Asambuja* e outra no das *Onias*, especialmente destinada a regular a entrada das aguas do Têjo no mesmo canal.

Não me seria possível fazer uma idéa limpa d'estas obras, se não tivesse visto o risco d'ellas da invenção dos Sr.^s engenheiros *Ortts*, encarregados de as levarem a effeito. Eu não segui á letra a lingoagem em que se acham escriptas as sobredictas condições; porque muito se ressentem da origem estrangeira que tiveram, e por isso, talvez as não possam comprehender aquelles que as lerem no *Diario* citado. — Mas no risco dos Sr.^s *Ortts* estava desenhada uma adufa de represa, que tinha de comprimento cento e quarenta palmos sobre quarenta de largura (se bem me recordo, pois já se passou um anno desde que o examinei) e jazia ella na entrada do novo canal das *Onias*, por tal maneira disposta que lhe podiam entrar as aguas refluidas com as marés da enchente, as quaes sobem pelas

vallas já mencionadas, elevando-se coisa de cinco palmos de altura vertical dentro da represa da mesma adufa. Por conseguinte, para subirem os barcos ao canal das Onias, é necessario fechar as portas por onde entraram e abrir os postigos das superiores a fim de correr agua abundante, que encha a adufa; pois estando cheia e de nivel com as aguas do canal referido, abrem-se então as segundas portas para a passagem dos barcos, os quaes depois facilmente navegam até ás ultimas portas das Onias. Estas portas (segundo o risco) são unicamente portas de resguardo destinadas a evitar a entrada das grandes enchentes; e fóra d'isso podem estar sempre abertas; porque as aguas do canal devem ficar ao nivel com as do Têjo.

N'estes termos, a unica difficuldade consiste em vencer o salto de dez palmos, ou differença de nivel que ha na primeiro adufa, entre a superficie das aguas das vallas, e as do canal das Onias. Aqui é que bate o ponto; por quanto n'este sistema de adufas (*ecclésiastes à sas*) só há duas veredas que seguir: ou vencer o salto com uma só adufa, ou dividil-o em duas; vejamos as consequencias. No 1.º caso de uma só adufa da capacidade referida, gastará ella cincoenta e seis mil palmos cubicos de agua todas as vezes que se abrir, a fim de dar subida ou descida aos barcos da navegação [140 multiplicado por 40 multiplicado por 10 = 56:000]. As aguas do Têjo durando as cheias do inverno são muito abundantes; mas n'esse tempo nenhum barco demandará o canal; porque podem os de todas as lotações navegar até Santarem e Abrantes sem pagarem tributos de passagem; o canal só pôde ser util para os mezes do estio — julho, agosto, setembro, e outubro alguns annos.

Nos primeiros tres mezes do estio duvido muito que toda a agua do rio [entre as Onias e o Mouchão de El-rei] seja equivalente de uma veia fluida que tenha de velocidade 1 palmo por segundo e por área de secção vertical nove palmos quadrados; porque os barcos varinos são obrigados a cada passo a esperar que os barqueiros cavem um canal provisório na área para elles navegarem e não demandam mais de vinte e quatro polegadas de agua; duvido muito; porque todas as aguas do Sena, medeanamente cheio, cabem por uma abertura de 48 pés de largura e 10 de altura, apesar de ser o terreno tributario de aguas para este grande rio tres mil leguas de área vertente, e de chover na França mais do que na parte sul da Hispanha e Portugal por onde corre o Têjo. — Dado porém [mas não concedido] que toda a agua corrente do mesmo Têjo no sitio indicado seja equivalente d'essa supposta veia fluida, segue-se que levará, uma hora quarenta e tres minutos e quarenta e dois segundos a encher a adufa, e com o tempo necessario para abrir e fechar as portas, bem se pôde calcular em duas horas aquelle que levará cada passagem de dois barcos, ou seja um a subir e outro a descer simultaneamente, ou dois a descerem ou a subirem; porque na dicta adufa não cabem mais de dois, *d'esses maiores que remontam o Têjo até Abrantes*, como diz o § acima citado, os quaes teem desde septenta a oitenta palmos de comprimento e podem carregar sessenta moios de trigo. Segue-se tambem, que nas tres horas depois de meia maré de enchente até principiar a vasante e mais outras tres depois até meia vasante só podem passar seis barcos, e apresentando-se 25 ou trinta como

acontece muitas, vezes não-de esperar dois tres e quatro dias; porque na baixa mar fica a secco ou quasi a secco a maior parte da valla da Azambuja. — No 2.º caso supposto de dividir o salto em duas adufas, então o gasto da agua será sómente ametade do calculado; porque a da adufa superior vem encher a inferior; mas o tempo de abrir e fechar as portas duplica e virá a ser com pouca differença as mesmas duas horas. [.]

Se se intender que os barcos admittidos no canal são esses varinos que em tempo de estio vão até Abrantes, que utilidade publica haverá n'isso, para que fará a nação tão grandes despezas, dando um valor muito consideravel em madeiras de pinho, concedendo um privilegio por quarenta annos, segurando á empresa o juro de 5 por cento dos capitaes gastos nas obras, entrando com a decima parte dos fundos, e lançando um tributo á navegação? N'esse caso fóra melhor empregar duas dragas para desobstruir as passagens mais entupidas de arêa no alveo do rio. — Mas não é este ainda o maior damno, mas sim o de ficar o leito do Têjo, durante os ardentes calores do verão, reduzido a um charco de rãs, aonde apodrecerão as aguas estagnadas em menos de oito dias e derramarão as febres intermitentes, as typhoides, e a morte por essas numerosas povoações que demoram desde Santarem até Alhandra! — E será possível que os habitantes, vendo-se ceifados pelas doenças, não se lancem furiosos sobre as obras que lh'as causam e não as arrazem completamente? Poderá n'este caso haver governo tão barbaro, que mande tropas obrigar aquelles infelizes a que se deixem morrer, sem dar um ai com respeito aos planos indiscretos dos Sr.º Ortils!?

Nem me digam [como ainda ha poucos dias me responderam] « que as aguas para o canal vem de outras origens e que do Têjo sómente se tirará uma pequena porção que nada influirá n'elle. »

O canal das Onias não pôde receber outras aguas, além das do Têjo, senão das tres vallas de Almoester, Rio Maior, e Ponte da Asseca; no inverno são torrentes; mas no verão escaceam tanto que todas ellas não chegam para entreter a evaporação e infiltração do mesmo canal; os reservatorios de agua, de que reza o § 3.º do artigo 2.º são possíveis em varios sitios, como por exemplo acima da ponte de Rio-Maior; mas causarão uma despeza enormissima á empresa, e depois não chegando o producto dos impostos de navegação para juro dos capitaes empregados, pagará a nação o que faltar e ficará com esse novo onus occasionado pelos sabios estrangeiros, que nos vem elevar a tão alto gráo de civilisação, para termos tambem depositos de agua e maravilhas hydraulicas como essas que se fizeram para o canal do Languedoc. Além d'isto, reparem bem os leitores na letra dos §§ 2.º e 3.º do referido artigo 2.º e verão, que vexames e que prejuizos não ha-de ter a agricultura com essas obras de depositos de agua, e com as passagens forçadas pelos regatos e ribeiros, d'onde os lavradores agora derivam as aguas de rega para os seus campos: diz-se que o novo canal será para navegação e irrigação; mas... lisongeira é fatal esperança!

[1] Para o seguinte numero responderei ás observações que me podem fazer acerca do tempo necessario para encher as adufas.

observando o seu plano á luz da analyse rigorosa, elle vae tirar as aguas de rega, que ha tantos seculos fertilisam as nossas terras, e vae roubar as do Têjo e converter-lhe o leito n'um pantano pestifero! — Não haverá remedio para isso? será possível que os patrioticos intentos do illustre empresario e as vistas benéficas do governo fiquem assim illudidas? — Ha por certo; mas isso fica para outro numero da *Revista*, e n'elle mostrarei aos Sr.^s *Orlts* com toda a civilidade e respeito, que o seu plano é muito improprio para o local em que se pertende fazer o novo canal; que elle é tambem ruinoso para a nação e para a empreza; e muito mesquinho.

Lisboa 14 de novembro de 1844.

Visconde de Villarinho de S. Romão.

SOBRE HAVER OU NÃO HAVER MINAS EM PORTUGAL.

3626. No ARTIGO 3538, impugnam-se as minhas idéas do artigo 3430: estabelece-se, e confirma-se uma absoluta negativa da existencia de minas em Portugal. Reconheço primeiro que ninguem a minha insufficiencia para disputar com o Sr. Barão d'Eschwege sobre tal assumpto. Mas aquellas minhas idéas, sustento-as ainda por convencido que estou d'ellas e não por louca vaidade ou por capricho. Os meus fundamentos, eil-os aqui chãmente. Contra as minas só vejo um homem, aliás grande, e vejo a favor das minas a opinião publica, e particular e nomeadamente a de muitos homens tambem grandes. Este consenso faz-me, confesso, grande pêsso por não ter sido nunca impugnado nem sequer pelos nossos dois ultimos sabios na materia, os illustres doctores *Fandelli* e *Brotero*, em cujo tempo, bastante a esse respeito se escreveu. A Universidade de Coimbra nunca a impugnou, antes alguns de seus membros a corroboraram, taes como o doctor *Tavares*, e o doctor *José Antonio de Sá*. Da Academia das Sciencias outro tanto se pôde dizer. Finalmente, esta opinião commum não ha ainda muito que bem desinvulvida foi na *Revista*, pelo Exm.^o Sr. Visconde de Villarinho de S. Romão, cujo saber, cheio de criterio e convicção, augmenta e consolida a força dos argumentos de que me sirvo.

Estudando o supracitado artigo do Sr. Barão, não encontro realmente n'elle prova alguma das suas negativas, a não se querer tomar por prova peremptoria a méra auctoridade de S. S.^a

A natureza não especialisaria Portugal com um privilegio particular a favor das suas riquezas, mas tambem não o condemnou á maldição do erro e da ignorancia aos seus preteritos e presentes escriptores. *Plinio*, *Strabão*, e *Linneu*, nem eram portuguezes nem foram por certo uns ignorantes no que escreveram: bem como tambem o não foram os que se lhes seguiram: nem havemos de suppor que só por uma complacencia inexplicavel, nos quizessem fazer acreditar sonhos tão lisongeiros, indicando-nos riquezas phantasticas, em que elles mesmos não criam, crendo aliás n'ellas toda a gente. Os mesmos governos teriam procedido com inconsideração, estabelecendo uma intendencia geral das minas, antes de verificarem a existencia d'ellas. Seriam como alguns naturalistas velhos que descreveram a phenix. A Academia das Sciencias

não coordenaria tão sabias instrucções, sobre o objecto, se não tivesse por averiguado que havia cá preciosidades metalurgicas.

Fujo porém de generalidades: entro em observações mais positivas, e depois as revestirei de auctoridades. Diz S. S.^a que viajou pelas provincias, e que apenas encontrára indicios que não concitavam a explorações. É certo porém que as indagações metalurgicas são assás complicadas, e demandam circunstancias que talvez faltassem a S. S.^a

A séde da intendencia das minas não deveria nunca ser na côrte, mas sim n'um sítio mais central das provincias, d'onde, como de um fóco, se irradiasse a actividade dos trabalhos para todas as partes: não escureço que para isso eram necessarios meios; que nem sempre os senhores intendentes possuiam dinheiros consideraveis, cópia de gente, e gente idonea, instrumentos dispendiosos e infinidade de reagentes para os ensaios das amostras das terras. A natureza não pôz na superficie dos sólos um rótolo, do que n'elles se contém, tão expressivo e claro como as taboletas das lojas de ourives e de *bejotarias*. Ora sobre essas méras indicações superficiaes dos sólos por onde transitou, indicações, quando muito qualitativas, mas de nenhuma sorte quantitativas, S. S.^a nada mandou fazer porque não lhe era possível, indo de passagem, nem tinha á mão a immensa mole dos apreslos necessarios.

Primeiro: diz S. S.^a que se prova a não existencia das minas pela mesma legislação, e enumera-a. E' ponto este delicado, e envolve coisas que estão fóra da minha competencia: não me atrevo a fazer d'elle argumento. Só direi que para afugentar empreendedores de minas, bastava a imposição do quinto, modificado ultimamente pela dizima. Legislou-se a final com outra e mais bem entendida franqueza: permitiu-se a exploração das minas (em cuja existencia o governo acredita), mas fez-se depender de uma licença, e esta licença na prática é contudo difficilissima. A um que a solicitava, sabemos nós, que se indeferiu com o fundamento de se estar para fazer um ajuste com uma companhia estrangeira: a outro pretendente só se deferiu a cabo de oito mezes de fastidiosas solicitações, e ainda então se lhe poz por barbicacho, que apresentasse um director cujos diplomas, que attestassem seus conhecimentos, tivessem a auctoridade d'alguma academia ou universidade.

Tudo isto induz a crer em minas: mas porque se difficultam as licenças? não sei. O Governo é justo e quer o bem geral. Não me pertence interrogal-o sobre estes porquês: se assim obra deve ter razões solidas. Alega-se para a segunda exigencia, a segurança da vida dos trabalhadores, e com razão, porém eu vejo, e tenho visto trabalhar minas d'argilla, e vastissimas sem aquella exigencia, não obstante correrem ahí os operarios o mesmo perigo. Tambem difficulta as explorações o não se poderem aqui, como no Brazil, fazer com escravos. Os salarios são subidos entre nós, e estão na razão directa do preço dos comestiveis.

Segundo: de nada do que deixo apontado se pôde deduzir que seja mythologica a existencia das minas. Oicamos porém o sabio doctor *José Antonio de Sá*, oppositor ás cadeiras de leis da Universidade de Coimbra, correspondente da Academia das Sciencias de Lisboa, e discipulo do illustre doctor *Domingos Fandelli*, no seu

compendio de observações etc. capitulo 3.º pag. 14 § ultimo.

Diz elle o seguinte:

» Prescindindo das nossas Americas, Portugal é um paiz riquissimo, que esconde no seu seio riquezas, e preciosidades immensas; e por isso deve ser vigiado, a fim d'estes bens se averiguarem, exacta e perfeitamente. Quantas coisas nos mostra a superficie, de que poderíamos usar se as conhecessemos? O mesmo auctor no capitulo 4.º da obra citada diz: » temos uma idéa vaga de minas, e productos de Portugal que nos ministra a historia, e algumas descobertas casuaes. O nosso paiz é reputado pelo mais abundante da Europa, com quem a natureza liberalizou muitos thesoiros. Não sem motivo pensam alguns, que a natureza excitou os phrygios, phenicios, cartaginezes, romanos, etc. a fazer-nos guerra, que a grande ambição que os promovia de possuir tantas riquezas. As minas eram as que faziam a opulencia dos nossos primeiros reis, que ministravam socorros poderosissimos a muitos principes catholicos. Isto foi o que obrigou a dizer a Fr. Sarafim de Freitas, de Justo Imperio Lusitano, capitulo 15.º *Ita ut ante Indiae explorationem nullum ex Europeis regnum opulentius Lusitano inveniretur.*

» São tão antigamente conhecidos os mineraes d'oiro, e prata nas Hispanhas que já d'elles se faz menção no livro 1.º dos *Macabeos*. Capitulo 8.º verso 3.º *Et quanta fecerunt in regione hispana, et quod in potestatem redegerunt metalli argenti, et auri quae illis sunt.* Plinio no livro 33 capitulo 4.º afirma que estes metaes são naturalissimos no nosso paiz. Strabo, livro 3 de Situ orbis, diz: *Nec in alia parte terrarum tot sacculis haec fertilitas*, e outros antigos seguem o mesmo.

» Estas minas das Hispanhas foram em outro tempo muito trabalhadas; tanto assim que percebia todos os annos o senado de Roma 30:000 marcos d'oiro, do que se tirava das Asturias, de Portugal, e Galliza; os mesmos romanos tiraram immensos cabedões das minas, que exgotaram do Minho, freguezia de S. Mamede, Vallongo, do concelho d'Aguiar de Sousa, e logar de Villa-Verde, no termo de Grandolla, no sitio d'Alfarrella, em Traz-os-Montes etc.

» Os senhores reis de Portugal concediam grandes privilegios aos que trabalhavam nas minas, como se vê dos privilegios dados pelo Sr. D. Diniz aos que trabalhavam em as minas d'oiro em Adiga, junto á fóz do Têjo entre Almada e Cezimbra. Até o Sr. D. Manuel, todos os reis expediam estes privilegios, extinetos então pelo descobrimento d'Azia, diminuindo-se a extracção das minas em Portugal. Antigamente se achava nas areias do Têjo oiros purissimos de que o Sr. rei D. João 3.º mandou fazer um sceptro que se conservava no thesoiro regio.

» Ha em Portugal metaes de todo o genero, como em Borba, Béja, Barcellos, Thomar, Evora, Traz-os-Montes etc. Apparecem muitas pedras preciosas. O Padre Bluteau, na palavra turqueza afirma, que no Monte d'Oiteiro, junto da villa de Borba, ha finissimas turquezas. Na ribeira de Bellas, no logar de Suimo principalmente, se acham jacintos. No Algarve ha rubins.

» Construiu-se uma custodia para a real capella de Villa Viçosa cravejada de pedras, que se acharam nos seus contornos. Na serra de Cintra existem minas de magnetes, de que se tem aproveitado os estrangeiros. No rio Cavado apparecem ametistos, jacintos, e christaes. Ha muitas minas de estanho fino em Amarante, Vouzella, S. Pedro do Sul, Belmonte e outros pontos mais. Em Penella, Thomar, Montezinho, ha minas de ferro.

» Na descripção que fiz da provincia de Traz-os-montes, em uma memoria, mostrei a riqueza do monte de Montezinho proximo a Bragança que observei, o qual é muito metallico, e foi em outro tempo bastantemente trabalhado pelos antigos, o que se conhece de muitas escurias, que restaram das suas officinas. As areias do Sabor junto ao logar de França envolvem em si oiros puros: por aquelles sitios observei tambem estanho em abundancia.

» No monte da Rodella, perto da villa de Chacim ha muitas minas d'amianto asbesto: uma de que tirei bastante porção, está situada logo depois d'um sitio que no paiz cha-

» mam de Sereledo no caminho de Paradinha para Limaes, distante um quarto de legua de Nossa Senhora de Balsemão. Em 1628 se trabalhou no logar de Paramin, duas leguas distante de Bragança, uma mina de prata tão abundante, que tinha el-rei oito arrobas livres para si. Em Brinhosinho, termo da villa da Bemposta, comarca de Miranda, houve uma fabrica real d'estanho purissimo, e que ali se achava, e que se extinguiu por má direcção.

» Pedras de todo o genero se acham entre nós. Talco excellentissimo apparece no concelho de Gondomar, na freguezia de S. Christovam de Rio Tinto. Diversos marmores se tiram de Extremoz, Cintra etc., com que se fabricou o magnifico templo de Mafra. Duarte Nunes refere muitos outros da serra d'Arrabida, Montes Claros, Villa Viçosa etc. Ha diversas, e bellissimas argillas de que se fazem optimas manufacturas. No tempo do Sr. D. Manuel se descobriram minas de vermilhão e azogue.

» Para mostrar em breve as riquezas dos nossos estados exponho fielmente as palavras do Sr. Luiz Antonio Fortado de Mendonça, Visconde de Barbacena, nas suas eruditissimas thezes philosophicas que defendeu na Universidade de Coimbra, extrahidas do § 42 pag. 67.

» Cum nihil in Natura sit super vacaneum, omnia ejus producta quantum licet, cognita; atque explorata esse debent; nosque presertim huic studio incumbere oportet, qui regionem incolimus, quae tot nova, tamque utilia profert, ne ab exteris supplices emamus quae gratis domifundit patria. Ipsa enim praeter alia omnibus notissima, quae hic non referat, aliaque nondum detecta nobis suppeditat Argentum (nas minas de chumbo de Murça) Ferrum (em varios logares de Portugal; como Maçuco, Espinhasso de Cão junto a Coimbra, Carvalho, etc.) Cuprum (junto a Elvas) Stannum (na Serra da Estrella) Plumbum (em Vizeu, e em Murça) Mercurium (em Castello Branco) Antimonium (idem) Arsenicum (em Goes) Carbonem mineralem (em Buarcos, Spil, Porto de Mós) Bitumen ampellitem (nas minas de carvão de Buarcos, Spil, Porto de Mós) Bitumen gazas (junto a Soure) Vitriolum ferri, Alumen (em Buarcos) Marmor nobiliora (em Sapêos, Lagarteira, Porto de Mós, Montes claros e outros logares de Portugal) Gypsum (junto a Loures, e a Coimbra) Saxum porphyrium, granitum, silicem, jaspidem (em Cussaco e Carvalho) Achalem (em Monte Redondo) Terras pro pictura (em Portugal, e em algumas ilhas de seus dominios) Terram pro vasis murthiis (em Soure) Argillum fulloricam (na ilha de S. Miguel) Argillam margam (junto a Lisboa etc. etc.)

» Do que fica dicto se cephece o quanto nosso paiz é perfeitissimo em todo o genero de productos; e que conhecidos, poderamos melhorar muito a nossa e ndiçãõ; escuzando e comprar aos estrangeiros o que a mesma natureza liberalissimamente produz entre nós. Os de fóra seriam sensiveis a nossas descobertas, e industria; e o nosso commercio passivo diminuiria á proporção da diminuição do commercio activo dos estrangeiros. Oh bom Deus, quão infelizes seriam as outras gentes, se os portuguezes conhecessem os bens que a natureza produz entre elles! *Bone Deus! Si Lusitani noscent sua bona naturæ, quam infelices essent plerique alli!* Assim exclama Lineu em uma carta escripta ao Sr. Vandelli em 12 de fevereiro de 1765.

A pagina 231 fallando nas minas de Montezinho diz o mesmo Sr. Sá.

» Este monte é metallico, e envolve abundantissimas minas de ferro, e mui ricas. A uma legua de distancia da eova de Lua, no caminho do monte se acham bastantes bocados de mina de ferro cahidos, pezados, e riquissimos.

Na pagina 235 continúa dizendo: «este monte, é objecto de grandes murmurações entre os povos circumvisinhos: diz a tradição, que ali existem varias minas de chumbo, estanho, ferro, prata; o certo é ser elle muito metallico.»

Na pagina 238 diz: «parti para o logar de França, e observei que o caminho, e ossadura do monte é de pedras schistosas. Encontram-se pelo mesmos caminho bastantes pedras riquissimas de estanho que denotam uma mina visinha.»

A pagina 239 continúa: «o Sabor n'aquelle sitio é riquissimo, por quanto das suas areias se colhe oiros puros de que ha poucos annos se aproveitou um sujeito da corte que fez ali um

» trabalho notavel com bastante lucro. Algumas pessoas não se sustentavam d'outra coisa mais que de procurar as areias d'este rio. Entre as suas fragas de pedras schislozas se encontram vehiculos de metal; tem cheiro sulphuroso que predomina n'aquelles sitios.»

A pagina 241 fallando da villa de Chacim diz: «o monte chamado da Rodella, abunda em amianto asbesto, e se acham n'elle riquissimas minas d'esta pedra. Uma de que extrai bastante porção está situada passado o vão onde chamam Sereledo.»

A pagina 242 accrescenta: «tem o Monte de Monte Mé por sitio riquissimo; de sorte que é rifão entre os povos que diz: no Monte de Monte-Mé atiram os pastores com oiro ao gado, e não sabem o que é.»

A' vista do acima exposto, e como se poderá facilmente acreditar que não existem minas entre nós? Poder-se-ha duvidar das de chumbo em *Ventosoello*, em *Estevães*, em *Chacim*, e uma abundantissima em *Villar de Iiei*, entre as quaes se encontram tambem de estanho? Poder-se-ha duvidar da existencia d'uma mina d'enxofre, em *Perido da Bemposta*, juncto ao *Doiro*, onde alguns querem que haja tambem outra abundante d'oiro? *Henrique José de Sousa Telles.*

(Continuar-se-ha.)

Fica-nos ainda já compostas na typographia cinco columnas. Não nos era possivel dal-o todo de um só jacto.

CONCERTO DE LOIÇA.

(Carta.)

3627 Não ha verbas mais choradas nos orçamentos das donas de casa, do que a da loiça tanto grossa como fina, que todos os dias se quebra por desleixo de criados e ás vezes tambem por maldade d'elles: os gatos de ferro são um triste remedio, muito imperfecto e não barato. Ha diferentes receitas para soldar a loiça e os vidros; mas em geral são pouco efficazes; ha porém uma com a qual se concerta de tal modo a loiça, que depois nem mettida em agua quente, nem com péso ou pancada, nem ao lume ou no forno (sendo loiça de fogo), torna a quebrar pela mesma parte: seria muito importante levar-se ao conhecimento de todos o como se faz esta composição, ou, havendo-a feita, onde se vende.

Guardar um segredo d'estes é um egoismo vergonhoso e uma tolice indisculpavel, e todavia ha quem o guarde; razão porque, tendo eu visto loiça assim concertada, não pude alcançar do dono d'ella, que me habilitasse para eu fazer outro tanto á minha, e ensinar aos outros a economisarem annualmente alguns mil réis ou moedas; queira pois V. pedir pelo seu jornal, que liberalise ao publico este conhecimento não pouco util quem o tiver, e aceitar os protestos de sincera estima, que lhe consagra quem é De V.

Uma Dona de Casa.

LINHA PORTUGUEZA.

(Carta.)

3628 V. Sr. Redactor, com grande satisfação venderem-se, na feira da Collegã, linhas de uma finura, de uma egualdade, de um lustre e de uma rijesa impossiveis de exceder, e fabricadas — onde? — em Penafiel. Meias d'estas linhas se venderam na mesma feira quantas appareceram a 4:800 réis o par.

Porque razão não iria isto á exposição da nossa industria? Porque razão não hão-de as insignes rendeiras de *Peniche* e *Setúbal* fabricar com esta materia prima portugueza rendas que eguallem ou vençam as de França? Com as casquilhas podia-se guardar segredo, e dizer-lhes que vinham de lá; se comessem a peta, o que era facil, póde contar, Sr. Redactor, que muitos contos de réis deixariam de sair todos os annos. *Madame Levaillant* póde dizer algum coisa... De V.

JUNTAS GERAES DOS DISTRICTOS.

3629 SAIRAM á luz — *Consultas Geraes dos Districtos Administrativos do Reino e Ilhas Adjacentes do anno de 1842. Lisboa, na Imprensa nacional. 1844.*

São mais de cem paginas em folio, cuja variada leitura nos foi de grande interesse. Folga-se de ver o zêlo e o quasi sempre bom acêrto, com que as benemeritas Juntas de Districto do Reino se desempenharam dos seus deveres, tanto no que fizeram, como no que lembraram e requereram ao governo de Sua Magestade, para o melhoramento material e moral dos respectivos districtos. Força é porém confessar, que esta publicação podia e devia ser ainda mais perfeita.

I. Se as consultas, que hoje lemos, fossem as mais modernas, e não unicamente as dos annos de 1841 e 1842, poderiamos reputal-as mais urgentes e attendiveis, pois que nos não é dado adivinhar, quaes d'ellas cessariam de então para cá de ser applicaveis, ou porque as circumstancias locais mudassem, ou porque já sobre ellas se houvesse providenciado ulteriormente.

II. A nossa natural e proveitosa curiosidade de conhecer que beneficios vão recebendo as diversas partes do nosso territorio, pedia que, pela secretaria do reino, se tivesse accrescentado a cada consulta a declaração de haver ou não sido satisfeita (e talvez tambem como e porquê) cada uma das exigencias ou petições.

III. Finalmente seria facil e importante com um pouco mais trabalho (que ainda porventura conviria fazer-se) tornar este livro de muito maior uso e mais fecundo em resultados, accrescentando-lhe um indice de materias; afim de que, por exemplo, o escriptor publico empenhado em lembrar uteis reformas de todo o genero; o membro do parlamento desejoso de conhecer em toda a sua extensão tal ou tal objecto, sobre que ha-de discutir uma lei, ou sobre que tenciona propor outra, os vogaes mesmos das futuras juntas de districtos, que tem de olhar a tão multiplices assumptos, e a quem por isso importa averiguar quanto sobre elles se haja escripto, podessem de um relance atinar com todos os logares do livro, em que se tracta da materia, que n'essa hora lhes releva abranger toda.

Taes são as reflexões, que nos occorreram durante esta, para nós, muito aprasivel leitura, as quaes respeitosamente submettemos á consideração do governo.

VARIADADES.

COMMEMORAÇÕES.

SEGUNDA TOMADA DE GOA:

25 DE NOVEMBRO DE 1510.

3630 CHEIO sempre d'aquelles quatro sanctos amores, não raros senão communs em nossos portuguezes velhos, o amor de Deus, o amor do rei, o amor do reino, e o amor do proprio nome e fama, Affonso de Albuquerque é um dos primeiros vultos, que fêre nos olhos, a quem os estende pela nossa prodigiosa e quasi incrível historia antiga.

N'este dia, ha 334 annos, conquistou Albuquerque ao *Hidalcão*, pela segunda vez e para sempre, a cidade de Goa; resultando de tão façanhoso feito o fi-

carmos e nós outros e cá no extremo occidente, se-
nhores de um vasto territorio, — um archipelago, uma ci-
dade e uma ilha do mesmo nome.

Albuquerque é ainda venerado em toda a parte; e
não só venerado senão vivo e adorado entre os povos
indicos; mas Goa. Goa é hoje uma pobre aldeia,
antropheu mais para lastima do que para brios na
mão tremula que o afóra.

Miguel Ferreira Pimentel Franco.
D. JOÃO DE CASTRO.

23 DE NOVEMBRO DE 1546.

3631 NECESSITAVA Dia de se reparar para proseguir
milagres de valentia: — faltava-lhe com que: — D. João
de Castro dissimulando varonil todas as angustias suas e
dos seus determina soccorrer-se a um emprestimo de
vinte mil pardãos; — pede-os á camara de Goa, fa-
zendo-lhe, da guedelha de sua barba, abono e fiança
infallivel para o pagamento.

A sua honradez e fidelidade bem eram para dar,
a tudo o seu, valia de thesoiros e de mundos.

Feitos d'estes contam-se mas não se encarecem: —
admiram-se, e não se reproduzem em mil annos.

J. M. Campelo.

SOCIEDADE ESCHOLASTICO-MICHAELEN-
SE DE PONTA DELGADA.

26 DE NOVEMBRO DE 1843.

3632 ASSIGNALAR o dia, em que tres amantes das
boas lettras, fizeram renascer a Sociedade Escholasti-
co-Michaelense de Ponta Delgada com o empenho no-
bre de se instruirem, concorrendo ao mesmo passo pa-
ra a instrucção dos seus jovens conterraneos, e dar-
lhes um incentivo a elles para perseverarem no seu
louvavel empenho, e a muitos outros para se accende-
rem na sancta cobiza de os imitarem.

Mesquinhas invejas accommetteram despiadamen-
te a boa obra logo á nascença; mas Deus a abençoou,
e ella lá vae florescendo na terra do meu berço.

Hoje tão longe d'ella quiz enviar-lhe uma sauda-
de: — eil-a ahi vae: — conte ella a meus amigos e
companheiros, que me não olvidei de lhe grangear
protectores, que a avivem defendida de linguas
más e de mesquinhos adversarios.

M. J. Cabral.

UMA VIAGEM DE DUAS MIL LEGUAS.

APONTAMENTOS — REMINISCENCIAS.

Conclusão do cap. X.

NAVEGAÇÃO DO MAR-ROXO.

MOKA-ADEN.

(Vem de pag. 202.)

3633 O ANCORADOURO dos vapores em Suez fica tão
distante da cidade, por causa dos baixios da enseada,
que a poucas milhas andadas acertámos de cortar as
aguas no sitio memoravel, em que segundo a opinião mais
geralmente recebida, se effectuou a passagem dos israeli-
tas conduzidos por Moisés, e o desastre do seu persegui-
dor, e das multidões que o seguiam. — Os que to-
mam as palavras do cantico commemorativo d'este
acontecimento pasmoso, como amplificação oriental,
e entusiastica do legistador dos hebreus, agradecen-
do ao supremo Arbitro da natureza o resultado feliz

do plano de evasão que tinha concebido, explicam o
milagre, dizendo que Moisés se aproveitara habilmen-
te da tormenta imminente, annunciada por diversos
presagios, e do conhecimento que já tinha de um ban-
co transversal, que em taes occasiões enséca, e sepa-
ra as aguas quando baixam, para effectuar a passa-
rem durante o refluxo da maré, seguro de que os
Egipcios, ignorantes do phenomeno, viriam logo de-
poz, e pereceriam todos, submergidos nas aguas, que
de antes o banco dividia. — O general Bonaparte atra-
vessou o mar, n'este mesmo sitio, a cavallo, por cima
do banco de areia, apenas coberto de agua; — e es-
teve a ponto de ter a mesma sorte de pharaó, porque
á volta, as aguas tinham subido muito, impellidas
pelo vento, que se alevantára: *Se me tivesse afoga-
do*, exclamou elle ao pôr pé na praia opposta, *diriam
ser castigo divino de ter querido desmentir o milagre da
passagem.* — E muitos escriptores, cuja fé não pôde
padeecer suspeitas, confirmam a explicação natural, á
que temos alludido.

Pelo que toca á denominação d'este mar — que al-
guns querem derivar da catastrophe de pharaó — é pon-
to amplamente discutido no já citado Roteiro de D.
João de Castro, que o leitor poderá consultar; cum-
prindo-nos, todavia, acrescentar que nem mesmo es-
sas restingas e pareceis, de fundo vermelho, a que se
refere o nauta guerreiro, nós vimos em parte alguma,
quer na ida, quer na volta — O que vimos por vezes foi
— espaços immensos cobertos d'uma especie de crusta
alaranjada, — que o capitão nos disse formada da ma-
teria prolifica dos peixes, de que o mar-Roxo mais
abunda; em cujo numero entram os chamados — *avoa-
dores* — por suas barbatanas cartilaginosas, que lhe
permitem dar grandes saltos fóra d'agua, os quaes,
principalmente em certas paragens, são bastissimos
e como que folgam d'acompanhar os navios, emquan-
to podem.

Nas primeiras trinta e seis horas soffremos uma bri-
sa forte e contraria, que empolou o mar de vagalhões
alterosos, e encrusados. Ao terceiro dia acalmou o
vento e succederam quatro dias serenos, mas d'um
calor tão intenso, que mal se lhe pôde comparar o mais
abraçador do nosso estio. O suor caía em bagas, no
estado da maior quietação, notando-se em todos a cór-
do rosto um tanto embaciada. — Passado o tropico a
intensidade do calor declinou.

Navegámos constantemente ao longo da costa da
Arabia, cujo aspecto nada offerece de singular, se-
nãõ a sua nudez, e fragosidade. — Alli as cristas do
Sinai, e do Horeb. . . . mais adiante as serranias
de Méca: — alli o varão inspirado, o medianeiro en-
tre Deus e os homens, promulgou regulamentos, e
leis que ainda attestam a divindade da sua origem, e
doctrinou nos preceitos d'uma religião, essencia-
mente civilisadora, esse povo em vezes ingrato e rebel,
ha tantos seculos proscripto, errante, e perseguido;
mais adiante um homem extraordinario, ignorante e
ousado, mas d'altissimo ingenho, soube fundar, só com
a sua palavra, e com o seu alfange, uma religião ex-
travagante, que em si resume todos os codigos, mas
accommodada ao genio, e á imaginação dos arabes,
e a qual hoje commungam mais de cem milhões d'in-
dividuos em todas as partes do mundo!

Na manhã do dia 18 ferrámos o porto de Moka, ci-
dade affamada pela excellencia do café da provincia,

em que jaz, e a que serve d'entreposto, sendo por isto a mais commerciante d'aquellas costas. — O porto é desabrigado, e defendido por algumas fortificações: — o interior da povoação cheio de ruínas, e pouco azeado. — O numero d'habitantes não excede a seis mil, e padecem muitas faltas d'agua, que os mais abastados mandam vir de *Mousa*, a oito leguas de distancia. — N'esta cidade ha memorias dos portuguezes, e até o nosso idioma lhe não é inteiramente desconhecido. — Algumas casas de negocio pertencem a *Banians*, gentios do Hindoustão, cuja casta professa o commercio exclusivamente.

Levantámos ancora n'este mesmo dia de tarde, depois de se haverem tomado algumas vitualhas e refrescos, e tendo crusado de noite

«... as portas do estreito, que fenece
No reino da sêca Aden, que confina
Com a serra d'Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos Céos se não deriva.»

surgimos em a manhã seguinte na espaçosa bahia occidental d'Aden, á volta das oito horas, demorando-nos até ao dia 20, para se tomar carvão, de que os inglezes ahi teem um grande depósito.

A serra, que domina o porto, é penhascosa, escura e inteiramente despida de vegetação, com os seus picos notaveis que se erguem de sobre a assomada, adelgaçando-se gradualmente. — D. João de Castro lhe achou grande similhaça com a de Cintra, referindo-se talvez a algum ponto de observação muito differente do nosso. — A bahia tem de largo na entrada perto de tres milhas, e de fundo seis: — o ancoradouro nunca tem menos de seis braças d'agua, e é assás seguro. — A cidade, com pouco mais d'uma legua de circuito, consiste n'uma amalgamação de casas de pedra, e de cabanas de junco, e lódo, cobertas com ólas de palmeira, e levantadas sobre as ruínas de velhos edificios derrocados que n'outro tempo a embellezavam, e ennobreçiam (1). — As tradições dos arabes asseguram que *Ali*, genro do propheta, residira por muito tempo em Aden, e ahi se tornára mais respeitado e temido do que os mais poderosos conquistadores dos antigos e modernos tempos (!); porém dos monumentos do islamismo restam apenas tres ou quatro minaretes de mesquitas arruinadas; e nem do palacio dos sultões d'esta parte da Arabia existe vestigio algum. — A população não passa de quatro mil almas, e lhe vem a agua boa de muito longe, passando-se ás vezes dois e mais annos sem cair uma gotta de chuva.

(1) Para se ver o que ainda era Aden no principio do seculo XVI, transcrevemos as palavras do infeliz, e benemerito Duarte Barboza, do seu livro publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa: «tem esta cidade muy bom porto de maar, de muy grosso trato de grandes mercadorias, é muyto fermosa de muy altas casas de pedra e cal, e de terados, de muy altas e muytas janelas, muy bem aruada e cercada de muros, tores, e cubelos, com suas amêas ha nossa maneira: está ha dita cidade em hua ponta antre a sêra e ho maar, ha sera he talhada da banda da tera firme, e de maneira que nom tem por honde sair pera fóra para ha tera firme senom por hua porta. . . e ho rei está sempre dentro no certam, e aqui tem posto hu governador de sua mam. Ha ho porto d'esta cidade vem muytas náos de todas as partes, . . . de maneira que he este lugar do maior, e mais grosso trato que se acha no mundo, e assy das mais riqwas mercadorias.»

A guarnição ingleza (2) compõe-se d'um regimento europeu d'infanteria, pertencente á presidencia de Bombaim, d'outro de tropa nativa da mesma provincia, e d'um destacamento d'artilheria. — Os quartéis dos officiaes, e os abarracamentos para os soldados bordam a praia da bahia oriental, cuja posição é a mais fresca e saudavel por estar exposta ao grande mar da India.

O isthmo, que liga o rochedo esteril, em que a cidade está assentada, com a terra firme, é defendido por obras adequadas de fortificação; — e não é dado á guarnição sair além d'ellas. — Ao tempo da nossa passagem um exercito de 12:000 homens, commandados pelo filho do *Cheique*, a quem os inglezes compraram esta importantissima posição, se achava acampado á vista de seus muros; mas foram investir a praça. — É bem de acreditar que nas mãos de uma nação tão intelligente, e poderosa, a cidade d'Aden recobrará, em pouco tempo, a sua antiga opulencia, e esplendor, tornando a ser o mercado de todos os productos da Arabia, se os habitantes d'esta rica península, que detestam os inglezes, não continuarem a sacrificar o seu interesse aos seus odios.

Olhando militarmente a posição da cidade, quasi inexpugnavel pela natureza do terreno, não admira que o conquistador de Góá, e de Malaca, houvesse que desistir da empreza de a levar d'escallada.

O esclarecido capitão, o primeiro portuguez que *lavrrou o mar Vermelho com as nossas quilhas*, não podia deixar de reconhecer as vantagens da posição de Aden, á bôca d'aquelle mar, para o ajudar na realisação de seus projectos de conquista, e dilatação da fé, e do commercio; mas, frustrada a primeira expugnação, careceu, na volta, d'apercebimentos indispensaveis para um ataque de viva força, que elle reservava, de certo, para outra facção especial.

Partámos para Bombaim.

C. Lagrange.
(Continuar-se-ha.)

NOTÍCIAS.

AS DUAS FILHAS.

3634 NADA é indifferente para a biographia litteraria de um homem de talento. O Sr. Antonio Pereira da Cunha é já bem conhecido como tal pelos nossos leitores, e melhor ainda pelos seus amigos, que tivemos o gosto de lhe ouvir o seu precioso drama, por ora inedito, de *Brasia-Parda*: o logar, que um dia occupará entre os escriptores dramaticos portuguezes, já hoje numerosos, e entre os quaes se contam alguns que até em França e Allemanha teriam nome, será um logar honroso, adquirido por muitos e muito bons titulos.

O seu drama das *Duas Filhas*, premiado pelo Conservatorio, e representado pela primeira vez no theatro da rua dos Condes a 17 de abril de 1843, acaba de sair impresso, como primeira parte de uma collec-

(2) Note-se como os inglezes senhoream todos os mares, em que temos navegado. — No Mediterraneo, Gibraltar, e Malta; — no Archipelago, a ilha de Cérigo; — e no mar Roxo, o morro d'Aden, que lhes guarda o estreito de *Babel-Mandeb*.

ção, que a final ha-de ser avultada, e que leva por título *Theatro de Antonio Pereira da Cunha*.

O prologo, que o auctor junctou a este drama, impõe á critica um veto inquebrantavel: segundo este prologo (modelo de graciosa singeleza e modesta candura) as *Duas Filhas* foram obra ou antes brinco de verdissima mocidade n'um recanto provinciano, sem guias nem estímulos, com pouco e defeituoso preparo de estudos analogos: «eis-aqui a historia do drama das *Duas Filhas*, diz elle, tenham-n'o como um quadro tosco e mal assombrado em que me lembrei de pôr um pae — o duque, D. João, de Bragança, fraco de espiritos, como a historia no-lo descreve, e ralado de remorsos — como para aqui me fazia mister — no meio de duas filhas que Deus lhe dera — uma para seu conforto; a outra para seu tormento e vergonha: duas filhas, mas tão distinctas, tão diversas entre si! ambas amam, ambas padecem; mas differencam-se como o preto do branco, D. Seraphina adora, estremece, morre por um mancebo nobre e gentil, que lhe fôra como talhado no céu: vê levantarem-se estorvos á sua união, vê fugir-lhe, e para sempre, a ventura, e geme, coitada! carpe-se, definha-se e mata-se; que para mais não dá o ingenuo e estreme sentimento de seu peito. — Sentimento perfumado talvez — não digo vasado n'ella — de uns longes de escola allemã. Violante, não: essa não é mulher para penar e calar-se; pôde, quer, e vai por onde o seu coração a arrasta; um amor e uns ciumes, que põem medo: armada do seu punhal, como a tragedia grega, com certo horror mysterioso em toda a sua figura, como a *Macbeth*, e com mistura de sangue ruim, para mais. O meu intento foi moldar Violante pela severidade do theatro inglez.»

«Estas tres figuras são as primeiras, as principaes: o interesse resume-se n'ellas: as palavras amargas, os queixumes das filhas vão cravar-se no seio do duque, arranear-lhe d'elle gotas de sangue, e punil-o assim de seu feio peccado.»

«Tudo o mais são élos necessarios para ligar a acção: D. Christovam é o typo da cavallaria portugueza, legitima; D. Luiz, o da derrancada, e Frei Gaspar, o da madura pelos annos e larga experiencia. O barbeiro é sempre barbeiro; Beatriz sempre moça e falladora; o mordomo prudente, e o aguazil desconfiado, e impando de auctoridade, mas honrado, e com seus brios de homem de bem.»

«Para o fundo do quadro tomei a pobre terra de Portugal, dividida e esmagada pela usurpação de Castella.»

«E ahi teem candidamente o que isto é: — uma estrêa mal esmerada de rapaz, que publico agora já, e em primeiro logar, para levar a eito, e *chronologicamente* o meu theatro, que ha-de crescer, e para melhor, se Deos quizer.»

Já se vê que se o auctor pecca, em fallando de si, não é por excesso de amor proprio: a leitura do drama porém mostrará, que é antes por excesso de desconfiança e modestia, porque nas *Duas Filhas* se encontram mescladas com alguns defeitos inevitaveis n'um primeiro drama e que só uma larga experiencia e constante uso do theatro nos descobre e nos ensina a desfazer, a corrigir ou a attenuar, muitas partes estimaveis de escriptor e de escriptor dramatico; linguagem sincera e propria, estylo claro, sem vulgaridade; terso, culto e energico sem affectação: em summa,

bom juizo no conceber e felicidade no exprimir ao certo o concebido. Com estes dotes naturaes, com o muito amor que o Sr. *Pereira da Cunha* professa á terra, gente e lingua do nosso Portugal, com assiduos estudos que sabemos anda fazendo, ha já annos, na nossa archeologia provinciana, não é facil calcular o altissimo grau de merito a que hão-de chegar os seus escriptos.

Fez elle muito bem de marcar á vista de todos qual foi precisamente o ponto da sua partida (ainda que não baixo nem obscuro como elle cuida) para que um dia os futuros principiantes se animem, vendo a que meta remotissima o levou a sua assiduidade na carreira.

Vende-se o drama das *Duas Filhas*, em Lisboa, na loja de Mr. *Plantier* — rua do Oiro.

MISERAVEL FIM DE UMA POBRE IMPOSTORA.

3635 LÊ-SE NOS P. no Porto.

«Escrevem de Braga o seguinte: — A desgraçada benzedeira, que acaba de ser assassinada no monte de S. *Gregorio*, foi encontrada juncto á quinta dos *Falcões*; estava estendida no chão de costas com o rosto inclinado para o lado direito, as guelas cortadas, e septo facadas pelo peito, costas e barriga. A seu lado estava um lenço branco cheio de sangue, e a pouca distancia uns ramos de alecrim, umaservas e uma maçã, e um pequeno páu ou bengala tincto de sangue! A casa d'ella estava roubada, deixando-lhe apenas um enxergão e uma saia velha.»

«O cadaver foi sepultado na igreja de S. *Pedro de Maximinos*, embrulhada em um lençol que lhe deu o governador interino, *Feio*.»

«Muito povo correu ao logar do delicto, e bramou contra os assassinos, que, se ficarem culpados, breve serão absolvidos pelo jury.»

JARDIM DAS DAMAS.

3636 VIMOS o singular programma de um novo semanario, que sob este titulo se annuncia: eis-o-aqui em resumo: —

«O Jardim das Damas, será um semanario romantico, dramatico, harmonico, litterario, poetico, noticioso, analytico, enigmatico, chistoso, critico, com quadros, debuxos e figurino de modas. «(!!!)»

«A edição mais pomposa (!) e de maior gosto que até hoje se tem visto sair dos nossos prélos e lithographias. Conterá 12 paginas de impressão, (!!) no formato de 8.^o grande francez, em typos novos e do ultimo modêlo, um romance sempre interessante e muitas vezes original, um drama de sentimento ou galanteio de 1 ou 2 actos, tudo quanto houver de variedades, poesias anacreonticas ou lyricas, charadas, noticia circumstanciada dos theatros, annuncio dos espectaculos semanaes e futuros, bem assim de assembléas, bailes, acompanhando isto uma estampa, em papel velino, de cada romance, ou scena do drama, e alternadamente bonitas Valtzs e contradanças, ou os mais mimosos fragmentos das operas para piano forte, e piano e flauta, lindos debuxos para bordar e noticia das modas para damas e cavalheiros, sendo o ultimo numero do mez acompanhado com um nitido e colorido figurino. O papel que ha-de conter a impressão será de superior qualidade, por consequencia o mais caro, e todos os titulos doirados.»

Publicar-se-ha todos os sabbados, e só se venderá nos theatros e lojas de Mrs. Plantier, rua do Oiro n.º 62 e 63, Langlet, rua nova do Almada n.º 77 e 78, e Sr. Silva e companhia, praça de D. Pedro n.º 82, fóra isto só o haverá para os Srs. Subscriptores: — por anno pagando á entrega do 1.º exemplar rs. 4\$160 — 6 mezes ou 26 n.ºs 2\$080 — 3 mezes ou 12 n.ºs 960 — no acto da entrega obrigando-se a 6 mezes 80 — avulso 120. «

«Recebem-se assignaturas na rua da Rosa das Partilhas n.º 103 em casa de F. da C. Nascimento e largo Terreirinho n.º, 10, 1.º andar, onde a correspondencia virá franca a J. X. Pereira da Silva. «

As promessas são na verdade grandes, e mas poderão ellas ser preenchidas? Não sabendo nós quem sejam os redactores nem os empresarios não nos atrevemos a responder: responderá o tempo.

LUXO DE CRUELDADE INFANTICIDA.

3637 LÊ-SE no *Patriota*:

«Consta que ha poucos dias apparecêra na rua de S. Bento, ou nas suas immediações um recém-nascido morto, com os bracinhos e pernas partidos.»

SACRILEGIO.

3638 AS AUCTORIDADES de Coimbra fazem activas diligencias por descobrir os ladrões, que ha poucos dias roubaram a igreja de S. Mamede de E'ste, e que se julgam pertencentes a uma quadrilha, que ha já tempos, trabalhava nos arredores da mesma cidade.

ENFORCADO POR SUA MÃO.

3639 A 8 DO corrente foi achado de tarde, enforcado n'um trave do tecto da propria loja e já morto, um çapateiro do Porto morador na rua do Calvario. Com os motivos da sua funesta loucura não se atina.

PONTE RATOEIRA.

(Carta.)

3640 A PONTE, que ha sobre o *Caia* entre *Elvas* e *Campo-maior*, está intranzitavel ha annos, e o seu estado de ruina é a causa de terem em diversos tempos acontecido desgraças, a que já realmente se devêra ter attendido.

Ainda hontem 2 de novembro foi uma em que o reino perdeu tres servidores, com seus competentes utensilios militares, e uma lavradora viuva, o seu carro com uma excellente junta de bois. O destacamento de caçadores n.º 6, que vinha de *Villa Viçosa* para render outro, que se achava n'esta praça: chegou ás margens do *Caia* a tempo que este havia tomado uma das suas repentinas e temiveis enchentes; viu logo o commandante que o não podiam passar a pé: mas cuidando lhes fosse vadiavel em carro, dirigiu-se ao monte do *Rico*, casal proximo, á procura de um carro, e obteve-o: subiram para elle quatro soldados armados, equipados, e tentaram o vão: mas ainda bem não estavam no meio da corrente, esta os impelliu com horrivel força, arrastando consigo tres desgraçados: salvando-se o quarto por ter o accôrdo de arrojarem a moxila e o armamento. O pobre conductor logrou tambem safar-se: mas viu os seus queridos animaes affogados, e o carro ir parar ao fundo do *Caia*. Não será ainda tempo de se edificar de vez uma ponte, que por ficar sobre a estrada por onde

se communicam duas Praças d'armas, e ser proxima do reino visinho — com que temos tantas relações politicas e commerciaes — é sem duvida das obras de maior necessidade porque está clamando esta provincia? — Campo-maior, 3 de novembro de 1844. — *João Carlos da Matta Gamboa Mello Minos.*

PALINURO.

3641 PELA noite de 13 do corrente, vinha Téjo abaixo, alturas de Lisboa, um barco grande, o qual, ou arrebatado pela corrente ou por descuido do arraês, ou porque grande fosse o escuro, foi abalroar com a proa de uma nau surta: o arraês com a vehemencia do encontro saltou nas aguas, que, nem vivo nem morto, consta haverem-n'o ainda restituído.

MAIS AFOGADOS.

3642 «NO DIA 5, ás cinco horas da tarde, arrojou o rio á praya dos banhos o cadaver de um homem, em estado de putrefacção. E no dia seguinte ás quatro da tarde arrojou outro cadaver tambem em estado de putrefacção. Um d'estes cadaveres trazia meias brancas com ligas, e tres facadas, uma na testa, outra em um hombro, e outra sobre o lado do coração. P. dos P. no Porto.

MAIS.

3643 «TEM reinado grandes temporaes na nossa costa, e por isso a cidade tem sentido grande falta de peixe. «

«Domingo 10 do corrente, na costa de *Caparica*, apresentou-se o mar em bonança, o que animou uma companhia de pescadores. Havia dias que os desventurados não podendo ir ao mar não tinham ganhado dinheiro para pão. Lá vae para o mar um barco com os seus dezoito homens, lançam a rede e poem-se á caça esperando que o peixe cáia. Horas eram de recolher a rede e cil-os logo em trabalhosa lida: mas o mar já não estava para graças, e para provar que é coisa com que se não brinca, levantou um enorme vagalhão que accommettendo o barco, levou consigo os dezoito pescadores, dos quaes apenas escaparam dois, morrendo afogados os dezeseis. Este triste acontecimento foi-nos relatado por um pescador; que na segunda feira appareceu em *Lisboa*, apregoando bestugos e dizendo, «são pequenos, mas mataram dezeseis homens.» E ha quem diga que não tem medo do mar! » *Patriota.*

DEBAIXO DAS FLORES A ASPIDE.

[CUIDADO COM CERTAS CASAS!]

3644 NO DIA 12 pelas onze horas da noite, uns d'estes Orpheus ambulantes de flauta, ferrinhos e bandurra bateram á porta de certa rapariga, moradora na *travessa da Conceição*, á *praça das Flores*, que, provavelmente contra o seu costume, recusou abrir: tanto porém teimaram, que cedeu. Ficaram alguns na rua, outros entraram, e achando dentro ao gallego *Antonio Taboas*, segundo capataz do chafariz da rua do *Arco*, com quem algum dos do rancho, segundo parece, trazia contas atrazadas de ciúmes, o fiseram safar; fa transpôr o limiar quando de fóra lhe veio corrida uma facada pelos peitos, que deu com elle em terra agonizante: enquanto durou a agonia, que bem curta foi, para lhe encobrirem os gemidos, tumultuou mais

accessa a folia e musica da serenata: era um homicidio e a vizinhança não sentiu senão uma festa.

Os do descante, pondo-se outra vez com a sua musica em som de marcha, abalaram-se a seu salvo com ar de quem viuha de uma boda e deixando um cada-ver apoz si.

A propria rapariga, diz-se, depois de tirar de casa tudo quanto possuia de mais valor, foi n'essa noite ao chafariz contar aos companheiros do morto o succedido; feito o que, desapareceu! Acrescenta-se tambem que já foi presa havendo sido denunciada e entregue por outra mulher, para cuja casa se refugiára; e que dos auctores, cúmplices ou testemunhas da malfetoria, dois já a justiça igualmente os colheu ás mãos.

Judiciosamente diz o *Patriota* por esta occasião: «levantamos um brado para que a auctoridade publica ponha cõbro a taes serenatas nocturnas, porque ellas, «as mais das vezes, servem para encobrir muita maldade, e dão motivo a rixas, cujas consequencias se «não podem avaliar.»

TROVADOR.

3645. PUBLICOU-SE a terceira folha do *Trovador*; cujas primeiras duas já annunciámos. Contém as presentes dezeseis paginas, *Hosanna* pelo Sr. João de Lemos: *Um beijo por castigo* pelo Sr. A. M. Couto Monteiro: *O poeta* pelo Sr. A. X. R. Cordeiro: *O meu tumulo* pelo Sr. J. de Lemos: *O canto do cysne* pelo Sr. A. M. C. Monteiro: *Amalia* pelo Sr. A. X. R. Cordeiro: *Canto de amor* pelo Sr. A. Lima: e *As ondas* pelo mesmo Sr.

D'estas composições, todas ellas ocios litterarios de juvenis ingenhos, alumnos da nossa creadora Coimbra, e nenhuma das quaes deixa de ter (mais ou menos) sua valia, a mais notavel, quanto a nós, é o cantico de *Hosanna*. Não consideraremos n'elle a poesia, muitas vezes remontada, muitas singela e sempre vivida, colorida e lustrosa: são méritos, mas são méritos constantes e já communs nos escriptos d'este esperançossissimo auctor. Admiraremos somente o seu nobre e, em geral, bem succedido ardimento na parte métrica.

Nada é mais facil que o rimar: nada mais difficil, nada mais raro que o rimar bem. Os que rimam sem custo, só com muito custo podem ser lidos. O jogo do papelão enfastia passados dois minutos: grande parte das poesias rimadas são arremedos do jogo do papelão; só algum tanto mais sérios que o seu prototypo: *coração com paixão, amar com idolatrar e amante com constante* não é grande avaria acertal-os; val mais faser versos soltos ou não faser nada.

Os consoantes ou *chocalhinhos*, como os apodava ou apupava Filinto, e contra os quaes tanto clamaram, em versos bem aconsoantados, *Boileau*, e *Lamothe* em prosa, de que se não fez muito caso, são na verdade, se os considerarmos sisudamente, um peccado contra a razão. Todavia generalisaram-se tanto e tanto teem durado que não ha remedio senão releval-o e commettel-o com boa feição: *veniam petimusque, damusque*. Mas por isso mesmo tambem, que ha tanto duram e tão vulgares se fizeram, é que insistimos em affirmar que — para hoje se aturarem consoantes, é necessario e urgente sair da rota batida, virar a capa velha e safada, dar-lhe córte e cara de moderna. Desde que d'isto nos chegámos a persuadir, dois al-

vitres para o mesmo fim proposemos com o proprio exemplo: 1.º o de alternar, como os francezes, as rimas graves com as agudas: 2.º e principalissimo, fugio de aconsoantar palavras da mesma natureza grammatical: não rimar (senão quando outra coisa não possa ser) substantivo e substantivo, verbo e verbo, participio e participio, adverbio e adverbio etc., senão verbo, por exemplo, com adverbio ou com substantivo; substantivo com adverbio etc. Havia terceiro alvitre que ao menos conviria lembrar e era, o de procurar, quanto possivel, o que os francezes appellidam rima rica, que é quando as palavras rimam entre si pelo maior numero de letras; mas com essa terceira cadêa por cima das outras duas, ninguém, absolutamente ninguém, daria passo em lingua tão bellamente variada e por isso tão pouco rimada como a nossa. A epistola, dirigida ao Sr. *Francisco de Assis Rodrigues* e inserta no nosso livro das Excavações Poeticas, é um documento da possibilidade de tal revolução na mecanica da poesia: o que nós ahí podêmos, muitos outros o poderão, e melhor, e mais facilmente do que nós.

Coisa para nós muito lisongeira foi que tal poeta, como o Sr. João de Lemos, adoptasse para si o conselho e o quizesse, com o seu exemplo, auctorisar para entre os muitos mancebos estudiosos sobre quem a sua musa exerce visivel predominio. Sentimos não nos ser possivel transcrever senão poucas amostras do seu poema, que ahí vão desconexas: —

Descanta na selva seus hymnos a brisa,
Descanta nas balsas plumoso cantor,
Descanta a fontinha, que além se deslisa,
E o echo da serra, louvando o Senhor.

As vagas, ao longe, lá vem uma e uma
Beijar negro saxo, cantar, e morrer;
A roxa violeta, que as veigas perfuma,
Aos carmes da abelha sorri de prazer.

Nas aguas do rio, qual cysne, a zagala
Se ri, se espanija, se mira, e revê;
E a lympha contente nos braços a embala,
Que a per'la dos mares mais linda não é.

Que importa á cidade, que importa o futuro?
Lá dorme inda quêda!... não dorme, já não!
Hosanna! lá brada no bronze, que escuro
Se curva e balança dizendo — oração!

O ceo! que oceano! cerulea campina
Sem raios, sem fundo, das auras mansão,
Paiz de crepusc'lo, da aurora divina,
Dos carmes ignotos da ignota Sião!

Que livro de fogo por noites escripto!
Que esperança á minha alma, que o livro não dá!
Nas letras, que ajuneto descubro o infinito,
E lettra por lettra me diz — Jehová!

Hosanna!... E teu nome retumba de immenso
Nas aguas, no inferno, na terra, nos céus;
E o canto do bardo, casado co'incenso,
Por brisas soprado, se abraça ao seu Deus!